

**TRABALHO, VIDA E PESCA DE OSTRAS:
MINDJERIS FELUPES NOS TARRAFIS DE SÃO VICENTE, GUINÉ-BISSAU¹**

Aua Cassamá²

RESUMO

Este artigo visa trazer uma abordagem sobre as *mindjeris* (mulheres) *felupes* que pescam nos *tarrafis* (manguezais) do rio Cacheu, situado na aldeia ou vila São Vicente na Guiné-Bissau. Essas mulheres fazem parte da sociedade ou etnia *felupe*, que é um dos diversos grupos étnicos existentes no país. Em termos de trabalho, elas buscam os seus meios de subsistência por meio da pesca de ostras ou mariscos, especialmente, com o objetivo de serem tratadas e vendidas nos mercados e pontos de vendas dos mais diversos locais como a cidade de nome Bula e a capital Bissau. Para além disso é importante atentar para o universo de relações sociais que essas mulheres constroem, tanto na vila São Vicente como em outros locais do território guineense. No quesito metodológico, esta pesquisa foca numa perspectiva bibliográfica, fundamentalmente ao nível de discussões e análises teóricas de autores que já trabalham no tema e com base num debate sobre gênero e sociedade sob o guarda-chuva da sociologia do trabalho.

Palavras-chave: mariscos - pesca - São Vicente (Guiné-Bissau); mulheres - São Vicente (Guiné-Bissau) - condições sociais; pesca de subsistência - São Vicente (Guiné-Bissau).

ABSTRACT

This article aims to bring an approach to the *felupe mindjeris* (women) who fish in the *tarrafis* (mangroves) of the Cacheu river, located in the village of São Vicente in Guinea-Bissau. These women are part of the society or *felupe* ethnic group, which is one of the several ethnic groups existing in the country. In terms of work, they seek their means of subsistence by fishing for oysters or shellfish, especially with the aim of being treated and sold in markets and points of sale in the most diverse places such as the city named Bula and the capital Bissau. In addition, it is important to pay attention to the universe of social relationships that these women build, both in the village of São Vicente and in other places in the Guinean territory. In terms of methodology, this research focuses on a bibliographical perspective, fundamentally at the level of discussions and theoretical analyzes by authors who already work on the subject and based on a debate on gender and society under the umbrella of the sociology of work.

Keywords: seafood - fishing - São Vicente (Guinea-Bissau); subsistence fishing - São Vicente (Guinea-Bissau); women - São Vicente (Guinea-Bissau) - social conditions.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

² Graduada em Humanidades e Licencianda em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste texto é apresentar uma discussão bibliográfica sobre a vida social, o trabalho de pesca, tratamento e venda de ostras ou mariscos das mulheres *felupes* nos *tarafis* (mangues) do rio Cacheu, enquanto habitantes de São Vicente, uma vila ou aldeia situada na região noroeste de Guiné-Bissau, a cerca de 40 km da capital do país Bissau. Desta forma, perspectiva-se a realização de um trabalho que considere e debruce sobre o que tem sido pesquisado sobre essas mulheres, o trabalho de pesca por elas produzido e a forma como essas subjetividades laborais e pessoais estão imbricadas dentro e para além da sociedade *felupe* em São Vicente.

Figura 1 - São Vicente, do lado esquerdo da foto tem uma barraca ou casinha que serve como ponto de venda de ostras



Fonte: arquivo pessoal.

Segundo Lúcia Bayan (2015) os *felupe* ou *joola-ajamaat* são caracterizados enquanto uma sociedade rural localizada no noroeste da Guiné-Bissau. Os *felupes* são detentores de um conjunto de saberes e técnicas que, durante séculos, lhes permitiram garantir a sua segurança alimentar e organização social. Nos dias atuais, esta sociedade encontra-se confrontada com mudanças bruscas de parâmetros como por exemplo, as alterações ambientais, a desigualdade de gênero, a inconstância do mercado mundial ou a diminuição de mão-de-obra e a escassez do arroz.

Com uma produção de arroz insuficiente para cobrir as suas necessidades, os *felupe* socorrem-se da produção hortícola, praticada pelas mulheres, e da fruticultura, praticada pelos homens, para a obtenção dos rendimentos essenciais à compra do arroz em falta. No entanto, a sua comercialização revela-se muito precária porque limitada ao acesso a pé das mulheres *felupe* aos mercados das povoações mais próximas (BAYAN, 2015, p. 64).

Ainda de acordo com Bayan (2015), foi por meio das ditas "culturas de renda", como amendoim e caju, que se adotaram estratégias para a obtenção do arroz em falta. Porém, essas culturas concorrem na utilização dos terrenos de cultivo, que alteram o equilíbrio da dieta alimentar *felupe*, e permitem um acesso, aparentemente, "mais facilitado a rendimentos", porque deixam os produtores muito dependentes das diretivas do governo guineense, que são impostas pelas flutuações bruscas de preços e de mercado global.

Figura 2 - Mapa de São Vicente



Fonte: página no *google maps*³.

No decorrer desta pesquisa cabe interrogar o modo como essas transformações sociais, as dinâmicas locais e a globalização têm afetado o trabalho de pesca e venda de ostras que é realizado e protagonizado pelas mulheres *felupes*. Trata-se de compreender como essas mulheres têm construído suas relações e se adaptado às mudanças, fundamentalmente, em termos sociais e econômicos.

³ <https://www.google.com/maps/search/google+maps>. Última visita em 26/06/2023 às 12h02.

[...] a força invasiva das dinâmicas da globalização impõe às sociedades rurais africanas um maior esforço de adaptação. A globalização gera uma grande diversidade de fluxos de ideias, informação, capital, bens, pessoas, etc., que são promotores de mudanças bruscas e originadores de turbulências que contribuem para, de forma por vezes radical, induzir transformações significativas na vida económica, social e política das populações afectadas e mesmo, nalguns casos extremos, pôr em causa a própria sobrevivência quotidiana de sectores populacionais particularmente desfavorecidos (SHIEFER apud BAYAN, 2015, p. 61).

O objetivo deste trabalho passa por fazer, em termos teóricos e metodológicos, um levantamento de pesquisas e referências bibliográficas sobre as relações sociais e o mundo laboral das mulheres *felupes* de São Vicente, levando em consideração o trabalho de pesca, tratamento e venda de ostras ou mariscos, assim como as trajetórias, redes, movimentos e trânsitos dessas mulheres e as lógicas de desigualdade social que atravessam as suas vidas no território guineense.

Importa afirmar que, em termos pessoais, apesar de eu não ter crescido na vila ou aldeia São Vicente, sempre fui visitar minha mãe que é moradora do local, e nessas visitas, sempre tive a curiosidade de caminhar para o porto e nessa época, inúmeros foram os momentos em que presenciei as mulheres *felupes* a trabalhar na barraca e tratando as ostras para vender nos mercados e pontos de venda.

Numa dessas visitas, na companhia do meu irmão, fomos ao porto e avistei uma senhora chegando de canoa a remo com ela (a canoa) repleta de ostras. Indaguei ao meu irmão se são elas que costumam ir à pesca e fiquei surpresa quando ele me disse que sim. Desde esse momento, fiquei curiosa em conhecer mais sobre esse processo de pesca, tratamento e venda protagonizada por mulheres.

Desse modo, também é necessário entender como a sociedade *felupe* está composta em termos históricos, políticos e económicos, especialmente na vila São Vicente. Tendo em vista uma análise social do papel desempenhado pelas mulheres *felupes* dentro do território guineense, com base nas suas relações e no debate sobre as categorias analíticas de gênero, sociedade e trabalho das mulheres *felupes*.

2 UM PANORAMA SOBRE A GUINÉ-BISSAU

Em termos geográficos, políticos e históricos, a Guiné-Bissau é uma República com 36.125 km², situada no continente africano, concretamente na costa ocidental da África,

banhada pelo oceano atlântico, que se tornou independente de Portugal no dia 24 de setembro de 1973. Faz fronteira ao norte com República do Senegal e ao sul com a República da Guiné Conakry (Conacri), com uma população de 1.548.159 mil habitantes segundo o último recenseamento realizado pelo INEC (Instituto Nacional de Estatística e Censo) em 2009.

De acordo com Gualdino Afonso Té (2005), a economia da Guiné-Bissau é baseada na exploração de recursos naturais, de modo que sua principal fonte de rendimento, além das ajudas e empréstimos internacionais, são as concessões de licenças de pesca e a exportação de castanha de caju.

Ainda em conformidade com Té (2005), a contribuição do setor das pescas para o equilíbrio do Produto Interno Bruto (PIB) girava em torno de 3% a 4% entre 1991 e 1997. Porém, trata-se de um dos maiores recursos, não só pela contribuição para a segurança alimentar das populações, como do ponto de vista das exportações pesqueiras e da geração de divisas para o País. Apesar de ser um setor de grande importância para a economia do País, observa-se uma carência enorme de informações sobre aspectos do ciclo de vida de alguns peixes capturados ao longo da plataforma continental do País.

A atividade pesqueira na Guiné-Bissau, antes da Independência (1974), era apenas de um único sistema de produção – o artesanal, com métodos primitivos de pesca, apresentando características de atividade de subsistência. Entretanto, foi a primeira forma de exploração de recursos pesqueiros, que empregava centenas de pessoas, principalmente do sexo feminino, que atuaram como intermediárias entre os pescadores e os consumidores, vulgarmente chamadas de “bideiras.” (TÉ, 2005, p.3)

Esse aumento, segundo Té (2005), da pressão pesqueira e a importância social e econômica desse recurso geram a necessidade de que se obtenham informações para o desenvolvimento de um plano de manejo adequado. Entre estas informações, o conhecimento da dinâmica reprodutiva é uma das mais importantes, já que esse processo é responsável pela renovação do estoque.

3 O PAPEL DAS MULHERES *FELUPES*

Daniel Meirinho e Soraya Januário (2018) propõem uma reflexão sobre o processo de apropriação das narrativas visuais enquanto mediação de um grupo de mulheres africanas, do noroeste da Guiné-Bissau, de etnia *felupe*. O objetivo deste trabalho é oferecer ferramentas que auxiliam no processo de reconhecimento do papel da mulher na sociedade *felupe*.

Ao estruturar a dinâmica de intervenção do projeto *Fotografar é dar Vida*, foi definido inicialmente que o grupo seria composto por um máximo de 20 mulheres, que nos parecia ser um ótimo número para um primeiro *workshop* de fotografia participativa. Fomos surpreendidos já no primeiro dia com a presença de vinte e oito mulheres, com idades entre 25 e 59 anos, vindas das tabancas de Varela e Suzana. Em casa, todas tinham fotografias dos eventos e festas comunitárias. Na história da função social da fotografia, salientamos a importância do papel da figura feminina [...]. (MEIRINHO; JANUÁRIO, 2018, p. 257).

Nesta seara, também tem a pesquisa de Rosiani Martins (2022), que de um modo geral, busca compreender a participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia da Guiné-Bissau. Especialmente, trata-se de uma pesquisa com mulheres guineenses, inseridas no trabalho informal.

Ainda conforme Martins (2022), é esse trabalho informal realizado pelas mulheres que tem contribuído para o crescimento do país e para a sobrevivência e manutenção das famílias no que diz respeito aos aspectos como a educação, alimentação, saúde, vestuário dos filhos e, inclusive, o crescimento do produto interno bruto (PIB). Apesar disso, na maioria dos casos, esse comércio informal feito por mulheres não é reconhecido, socialmente, como trabalho que gera uma fonte de renda. Na medida em que o trabalho formal é considerado mais benéfico e superior em relação ao informal. Reconhecendo também o fato de a maioria dessas mulheres, que trabalham no mercado informal, não terem terminado o Ensino Secundário ou Médio, sendo esse um dos fatores a ser considerado para elas aderirem ao comércio informal.

O trabalho das mulheres no setor informal tem contribuído para sua autonomia econômico-financeira, sua emancipação e uma maior participação na sociedade guineense. As mulheres no mercado informal têm garantido a sobrevivência de milhares de mulheres e reprodução das famílias, muito embora suas visibilidades não foram reconhecidas como algo importante na sociedade guineense, já que o machismo acaba limitando-as, por essa razão dificilmente são incluídas nos lugares de grandes prestígios e nas tomadas de decisões (MARTINS, 2022, p. 2).

De acordo com Ludmila Bolonha (2013), geralmente, as mulheres têm um papel fundamental nas sociedades africanas, inclusive cabendo-lhes papéis centrais tanto na produção, como no estabelecimento das condições de equilíbrio social e político. Nesta perspectiva, percebê-los é essencial para a compreensão fundamentada das atuais dinâmicas sociais, políticas e econômicas nas sociedades rurais guineenses. O papel central das mulheres na produção agrícola da sociedade *felupe* e no desenvolvimento de estratégias de sobrevivência face às questões alimentares e comerciais, justificam-se também como um foco importante deste artigo.

No cumprimento das suas tarefas, as mulheres *felupes* dedicam-se, de Fevereiro a Maio, à venda dos produtos hortícolas e do sal, assim como ao armazenamento de lenha, actividade pela qual também são responsáveis e que servirá para cozer os alimentos para toda a família. Nos meses de Abril a Junho, cabe-lhes fazer a colheita da castanha do caju, e são elas também as responsáveis pela preparação dos campos para receber o arroz de mato e transportar o adubo para as bolanhas (BOLONHA, 2013, p. 45).

É importante problematizar o modo como essas mulheres, cotidianamente, acabam sendo expostas às situações como a violência, o machismo e o patriarcado enquanto formas de opressão contra as mulheres e os trabalhos realizados por elas, presente de maneira significativa e naturalizada no contexto social guineense. Apesar do foco deste texto ser, particularmente, o trabalho realizado pelas mulheres *felupes* na pesca, tratamento e venda de ostras, não se pode desconsiderar as demais atividades e tarefas que essas mulheres fazem no dia-a-dia, tal como os conflitos e dilemas vivenciados por elas.

Nesse sentido, recorro à pesquisa realizada por Catarina Casimiro Trindade (2018) que fez uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre as definições atribuídas ao *xitiki*, conhecido como uma prática endógena de poupança e crédito rotativo (informal) bastante comum na cidade de Maputo, Moçambique. A autora também diz que por meio das experiências das mulheres com a prática do *xitiki*, é possível compreender mais e melhor as dinâmicas e especificidades a ela relacionadas. É através de pessoas próximas e experientes, nomeadamente familiares, amigos ou colegas de trabalho, que as mulheres se iniciam na prática do *xitiki*. A decisão surge muitas vezes depois de serem convidadas a participar dos encontros mensais ou de reuniões de grupos, onde têm a oportunidade de conhecer os participantes e ver como o grupo se organiza.

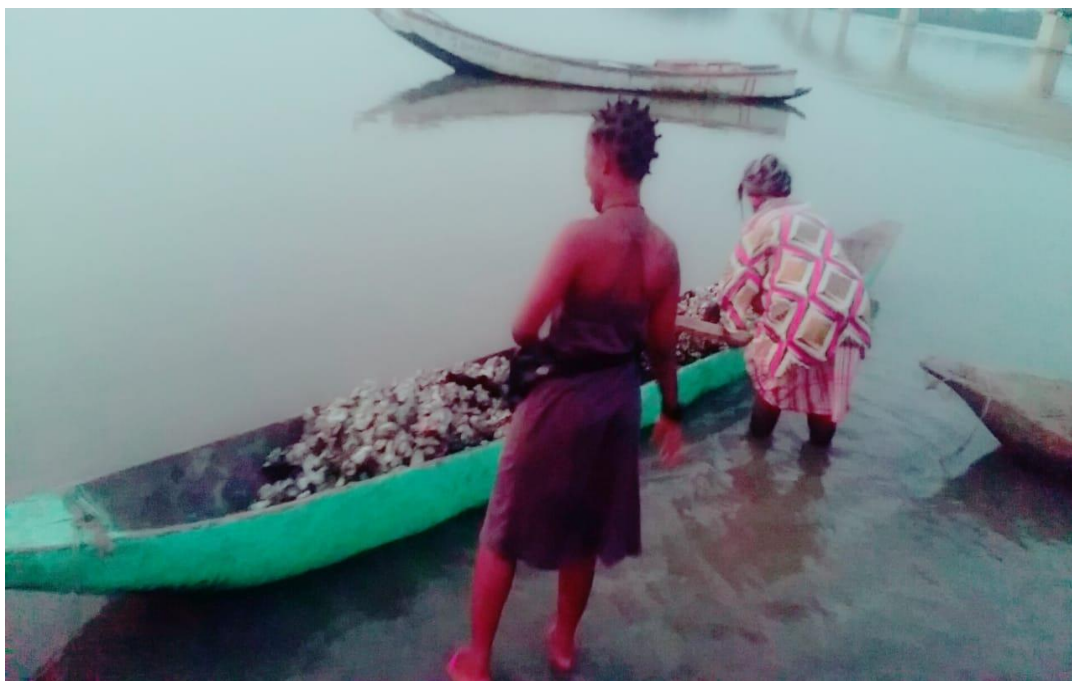
O fator econômico é um dos mais frequentes argumentos encontrados nos estudos sobre *xitiki*, em relação às motivações que levam as mulheres a aderirem à prática. No entanto, apesar desta ser a motivação mais perceptível, ela é uma entre uma série de razões complexas. A razão inicial pode ser a necessidade de poupar para a concretização de planos que, individualmente, seriam mais difíceis e demorados de realizar. Tal dificuldade advém da incapacidade de conseguirem poupar por conta própria guardando consigo ou depositando um valor numa conta poupança, pois há sempre a possibilidade de tirar esse dinheiro quando surgem despesas extra. O que não acontece no caso do *xitiki*, uma vez que o dinheiro é entregue a outra pessoa e não pode ser pedido de volta, é necessário esperar a sua vez de receber (TRINDADE, 2018, p. 301).

No contexto guineense, esta prática chama-se *abota* e também é comum que as mulheres *felupes* a realizem para ter mais "vantagens econômicas e sociais", que aqui coloco

nesses termos, com o intuito de refletir no modo e nos sentidos como essas "vantagens" se aplicam ou não na vida social dessas mulheres.

Em termos sociais, outra questão também que suscita interesse está relacionada à construção de uma ideia de que trabalhos como a pesca exigem um grande esforço, peso ou resistência sendo, desta maneira, aplicada somente aos homens. Ainda existe um grande desconhecimento de como e por quem é realizado o processo da pesca dessas ostras. Ou seja, quando se menciona a questão da pesca, o que vem à mente das pessoas é a de que quem exerce essa função são apenas homens.

Figura 2 - As ostras pescadas por uma mulher *felupe*



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 3 - Chegada de uma mulher *felupe* com as ostras na canoa



Fonte: arquivo pessoal.

Lembrando que, nas ruas da *praça de Bissau* é possível avistar mulheres com inúmeras tijelas/baldes de ostras à venda, depois de se deslocarem das suas casas ou aldeias para a capital. Em alguns restaurantes na Guiné-Bissau, as ostras são um dos petiscos favoritos das pessoas. Inclusive, várias pessoas até transitam para cidades pequenas e próximas da capital como *Quinhamel* ou *Mar Azul* para consumir esses mariscos.

Dentro do campo da sociologia do trabalho e da sociologia rural, a pesquisa da socióloga Maria Ignez Paulilo (2004) chama atenção para a necessidade de pesquisar sobre os trabalhos das mulheres rurais. Desta maneira, ao fazer um estudo sobre cinco regiões diferentes do Brasil, em épocas diferentes, foi possível perceber que a distinção entre o trabalho "pesado" feito pelos homens e trabalho "leve" feito pelas mulheres não se relaciona à qualidade do próprio esforço despendido, mas sim ao sexo de quem o executava. Dito de outra maneira, qualquer trabalho era considerado leve se feito por mulheres, por mais exaustivo, desgastante ou prejudicial à saúde que fosse. Esse fenômeno se repete quando o

assunto é acerca da divisão entre trabalho doméstico e o trabalho produtivo. Resumindo: o doméstico é atribuído somente às mulheres.

Outra pesquisa que também serve como inspiração para esta pesquisa é a da cientista social Vilênia Aguiar (2017) cujo trabalho traz uma reflexão sobre as temáticas que envolvem a importância das mulheres nos espaços rurais e no mundo do trabalho, a partir de uma perspectiva de gênero e mais direcionada a sua construção como sujeito político. O desafio é pensar e refletir sobre um aspecto importante ainda carente de um esforço teórico analítico mais consistente, que é o trabalho atribuído e exercido pelas mulheres *felupes* nos espaços rurais, sendo uma dimensão necessária para compreender a condição econômica desigual das mulheres envolvidas na pesca e também na agricultura.

4 A ROTINA DAS MINDJERIS FELUPES

De acordo com José Ricardo Ramalho (2013) as análises sociológicas não podem abdicar de um estudo sobre situações de mudança na sociedade contemporânea num mundo cada vez mais globalizado e nem prescindir de um debate acerca da contínua importância do trabalho na vida social. Questões como as crises do sistema de produção capitalista das últimas décadas; a introdução de novos mecanismos de controle do trabalho e de organização das empresas; o uso das tecnologias da informação e a submissão das atividades econômicas à lógica de um mercado globalizado. Tudo isto resultou em alterações preponderantes nas formas de emprego assalariado, clássico e na disseminação de ocupações pautadas pela atipicidade e precariedade.

Interpretar essas transformações exige da Sociologia (do trabalho) uma renovação da pesquisa empírica e uma atenção especial às novas estratégias de controle das empresas e dos empregadores e às novas manifestações de resistência por parte dos que vivem do trabalho. O substantivo corpo teórico construído a partir de investigação sobre a estruturação dos espaços fabris e sobre o estabelecimento de formas de controle do processo de trabalho tem encontrado dificuldades para explicar, nos dias atuais, a variedade das novas formas de dominação fabris e não fabris, a flexibilização como elemento central das relações de trabalho e a subcontratação de tipo "precário", além dos argumentos que conferem às "leis do mercado" o poder de regulação do emprego em oposição a leis trabalhistas estabelecidas em outras épocas (RAMALHO, 2013, p. 90).

Conforme Bayan (2015), a sociedade *felupe* desenvolve uma economia de subsistência com um sistema produtivo baseado em pequenas unidades familiares e vocacionado,

principalmente para a produção de culturas alimentares para autoconsumo e de pequenos excedentes. Esses excedentes são escoados por meio de um sistema de trocas, que privilegia as redes de parentesco e de aliança, complementado com a produção em pequena escala de culturas comerciais e de pesca. Dito de outra maneira, grande parte dos trabalhos agrícolas são efetuados em associações ou grupos, constituídas com o objetivo único de entreatada e, devido à especialização do trabalho, organizadas por gênero e idade.

É importante realçar que, na maior parte das vezes, essas mulheres partem em grupo para buscar as ostras nos *tarafis*. Sendo essa uma das características inerentes na sociedade *felupe*, que no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa pode ser trabalhada como um aspecto fundamental a ser interrogado a partir das redes e conexões estabelecidas entre elas e a comunidade em volta. Na medida em que é necessário considerar o fato da vida social dessas mulheres não basear-se somente nas atividades de pesca e venda de mariscos.

Com uma produção de arroz insuficiente para cobrir as suas necessidades, os Felupe socorrem-se da produção hortícola, praticada pelas mulheres, e da fruticultura, praticada pelos homens, para a obtenção dos rendimentos essenciais à compra do arroz em falta. No entanto, a sua comercialização revela-se muito precária porque limitada ao acesso a pé das mulheres felupe aos mercados das povoações mais próximas. O acesso aos mercados de Bissau e de São Domingos, a cidade mais próxima do território felupe, assim como o acesso de comerciantes externos (de Bissau ou Senegal), é condicionado pelo mau estado das estradas, agravado durante a estação das chuvas, altura em que são praticamente intransitáveis, pela conseqüente falta de transportes e pela inexistência de centros de armazenamento. Porém, as povoações situadas junto à linha da fronteira, como é o caso de Budjim, desenvolveram redes comerciais que permitem vender os produtos no lado contrário da fronteira onde são produzidos, apesar do forte policiamento aí existente devido às movimentações dos rebeldes do Mouvement des Forces Démocratiques de la Casamance (MFDC). Esta permuta transfronteiriça permite também o acesso a uma maior diversidade de produtos (BAYAN, 2015, p. 64 e 65).

Embora este trabalho tenha a preocupação de dar um enfoque maior para a pesca, o tratamento e a venda de ostras realizadas pelas mulheres *felupe*, cabe observar que existe um universo de redes e conexões sociais envolvendo outros produtos como o arroz, a bolanha e o caju, cujas importâncias precisam ser levadas em consideração durante a análise.

Da mesma forma como é importante compreender como a sociedade *felupe* está organizada e estruturada na Guiné-Bissau, levando em conta as transformações sociais inerentes a essa sociedade e o papel das mulheres nesse processo. De acordo com Bolonha (2013), a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões administrativas denominadas Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali e um sector autónomo que se chama Bissau. Cada região subdivide-se em sectores, que têm um administrador, e estes subdividem-se em secções que têm um secretário e um administrador. As secções, por sua

vez, reúnem diversas *tabancas* ou aldeias e em cada *tabanca* existem vários bairros formados por diversas *moranças* (uma espécie de terreno com várias casas de uma mesma família com relações de parentesco).

Bolonha (2013) também menciona que a sociedade *felupe* está dentro de um grupo social maior, o grupo *Joola*, que está fixada entre o Senegal e a Guiné-Bissau, na região mais oeste de Casamança, entre a Gâmbia e o rio Cacheu. Devido à sua localização foram os *felupes* que mais tiveram contato com os portugueses. Em 1960, Artur Augusto da Silva descreveu a localização dos *felupes*, dizendo que estes se estendiam desde o rio Gâmbia até ao sul do rio Cacheu e viviam na costa junto aos inúmeros esteiros e riachos que cortam a Senegâmbia e a região de Suzana-Varela.

Apesar desta distinção dos termos, as características inerentes ao grupo mantêm-se, o que permite a ligação e, conseqüentemente, a unidade dentro do grupo *joola*. A base da sua economia é idêntica, dedicando-se ao cultivo do arroz, à extracção de óleo e vinho de palma. O arroz é um elemento muito importante na cultura *Joola*, por constituir a base da sua alimentação e também por ser um elemento carregado de simbologia. Em termos linguísticos, falam a mesma língua, denominada como “*joola*”, existindo, no entanto, várias variantes. Na estrutura social, a divisão social é feita em função de grupos de idades. Politicamente organizam-se de forma semelhante, por conselho de chefes de linhagem e ainda no plano religioso, os *Joolas* mantêm a crença numa só entidade suprema inacessível pelos humanos (TOMÁS apud BOLONHA, p. 19, 2013).

É importante observar, particularmente, o modo como as mulheres e a sociedade *felupe* que residem em São Vicente estão organizados. Partindo do pressuposto que há processos particulares - envolvendo as mulheres *felupes* desta vila - dentro de uma lógica cultural, política, linguística e social mais ampla que envolve os *joola*. Por isso, em termos metodológicos, existe a necessidade de debruçar sobre a constituição histórica da vila São Vicente e as relações estabelecidas com os *felupes*, ao longo do espaço e do tempo.

Nesta seara, um dos trabalhos que servem como inspiração para esta reflexão é o de Patrícia Godinho⁴, que pesquisa a presença de mulheres guineenses no setor informal, inclusive a autora faz menção ao fato de que em 1987 iniciaram os primeiros estudos de campo sobre o impacto das atividades laborais realizadas por mulheres na sociedade guineense. Nesse sentido, a autora propõe analisar o fenómeno das redes femininas de solidariedade guineenses nos centros urbanos e a sua importância na sociedade atual, procurando entender os mecanismos de funcionamento e as repercussões económicas, sociais

⁴ Disponível em:

https://www.academia.edu/5130097/As_mulheres_do_setor_informal_Experi%C3%AAs_da_Guin%C3%A9_Bissau. Acesso no dia 01 de agosto de 2022 às 13h33.

e culturais. Para tal, foram utilizados como suporte um estudo de campo baseado em entrevistas e questionários efetuadas para a responsável da cooperativa de poupança e crédito “Bambaram” e às representantes e associadas de quatro associações femininas de atividade económica afiliadas à cooperativa (Associação das Mulheres Peixeiras AMU-PEIXE, Associação das Mulheres Revendedeiras de Peixe MAVIP, Associação das Mulheres Tintureiras de Bissau DUA-DJABI, Associação das Mulheres Revendedeiras do Mercado de Clelé NUNCA-FALTA).

Outro trabalho que também serve de inspiração é o de Orlando Santos (2011) cuja abordagem é sobre uma análise do comércio de rua em Luanda (Angola), particularmente aquele que é realizado por mulheres. A grosso modo, o autor busca apreender as práticas comerciais de rua enquanto construções históricas e cotidianas dos atores individuais e coletivos. O contexto do comércio de rua é por ele apreendido como uma realidade social construída e não como “natural” ou “dada”. Tendo em consideração tal pressuposto, parte-se do pressuposto que no estudo do comércio de rua, além de refletir acerca do seu cotidiano, torna-se fundamental tentar entender sua historicidade e dinâmicas sócio-antropológicas.

Deste modo, procuro examinar a participação das mulheres no comércio de rua da cidade e, a partir daí, identificar se existem ou não rupturas e continuidades nas práticas rotineiras das antigas e novas gerações de mulheres comerciantes de rua. Parte-se do pressuposto que ao mesmo tempo em que constitui hoje uma das faces mais marcante do quotidiano da cidade de Luanda, o comércio de rua esteve presente desde os primórdios da cidade, construindo e fazendo parte da sua trama quotidiana e das relações sociais (SANTOS, 2011, p. 2).

No que diz respeito a esta pesquisa, conforme as minhas observações e experiências em campo realizadas em 2017, as mulheres *felupes* que pescam as ostras possuem entre 30 a 60 anos de idade. Importa afirmar que o processo das mulheres *felupes* irem ao mar com a canoa a remo para realizar a pesca das ostras, normalmente depende do estado da maré. Elas costumam ir quando a maré se encontra baixa nas zonas ou locais onde costumam fazer a pesca e na volta precisam dessa enchente da maré para irem em direção ao porto. Tem dias que elas demoram dois ou três dias no manguezal para realizar a pesca ou coleta de ostras em grande quantidade.

Durante os dias em que essas mulheres passam mais tempo nos *tarrafis* para pescar uma maior quantidade de ostras, elas levam materiais e ingredientes alimentícios para fazerem suas refeições durante a estadia no processo da pesca. Elas também levam vestuários, preferencialmente roupas compridas para se protegerem das picadas dos mosquitos ou insetos. No regresso, essas mulheres têm o costume de desembarcar com as pescas numa casinha

parecida com uma barraca. Esse local, geralmente, é onde elas guardam as ostras e voltam no dia seguinte entre às 5h ou 6h da manhã para cozinhar e tratar as ostras, com o intuito de vender. Esse processo do tratamento das ostras é realizado até o final da tarde. Trata-se de uma fase complexa, pois exige cuidados para não se cortar, e durante esse procedimento, geralmente elas usam luvas para se protegerem. Depois do processo de tratamento, por meio do cozimento e da retirada das ostras na casca, elas fazem a secagem da maioria dessas ostras para melhor conservá-las para venda.

Na barraca ou casinha onde elas tratam as ostras, também é um local onde se pode acessar a esses produtos para compra, ou numa pequena casinha construída à beira da estrada como feirinha para venda de legumes e peixes, que incluem as ostras, que, normalmente, fica perto de uma barragem que serve como ponto onde tem uma grande circulação de viajantes. São nesses momentos que as mulheres *felupes* aproveitam para realizar as vendas dos seus produtos, por exemplo, aos viajantes e turistas durante o dia, pois essas pessoas param e se deslocam até elas para comprar essas ostras. Outra forma de venda depois do tratamento é ir aos centros das cidades próximas, nos *lumos* que é um dia específico de semana realizada para comercialização de vários produtos numa determinada localidade e nas feiras da cidade de Bissau. É importante realçar o fato de todo esse processo ser feito e realizado somente por mulheres, desde pesca, o tratamento e venda das ostras.

No que tange às outras atividades exercidas por essas mulheres, conforme foi destacado acima, uma boa parte dessas mulheres desempenham um trabalho considerado como informal na Guiné-Bissau, e essas mulheres *felupes* de São Vicente que trabalham com a pesca e tratamento de ostras também adentram nesse tipo de trabalho, isso porque elas não exercem outros serviços, considerados como formalmente remunerados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, trata-se de um tema ainda muito pouco debatido no contexto social guineense e também existem muito poucas pesquisas no campo das ciências humanas como História, Ciências Sociais, Sociologia e Antropologia, envolvendo particularmente o mundo do trabalho e a vida social das mulheres *felupes*, especialmente em relação à pesca, tratamento e venda de ostras. Por isso, acredito que este texto é relevante para refletir sobre temas

sociológicos como a questão do gênero e do trabalho, tal como é importante para conhecer e compreender mais sobre a realidade social da Guiné-Bissau e da sociedade *felupe*.

As mulheres *felupes* residentes em São Vicente realizam seu trabalho de pesca nos *tarrafis* ou mangues e compõem uma parte significativa de mulheres no território guineense que contribuem para o desenvolvimento econômico do país. Esta pesquisa tem como foco, evidenciar a importância das mulheres *felupes* nos circuitos, redes e relações sociais deste país africano, sob o ponto de vista das suas próprias histórias de vida e no quanto as suas capacidades de trabalho são importantes para compreender e problematizar noções como família, território e o papel que essas mulheres desempenham na sociedade guineense, ainda cimentada pelo patriarcalismo e machismo.

Observa-se que esta pesquisa está inserida em debates com base na sociologia do trabalho, cuja perspectiva teórica e metodológica se relaciona com temas ou categorias de pensamento como gênero e sociedade, tendo potencial para dialogar com áreas como antropologia e história. A partir desse pressuposto, considerando as fotografias, o mapa e o debate bibliográfico realizado nesse texto, torna-se possível estabelecer caminhos para refletir e analisar, não só a vida social das mulheres *felupes*, como tudo o que as rodeia enquanto pessoas inseridas num determinado contexto global de subalternidade e discriminação do trabalho feminino.

Nesse âmbito, trata-se de um trabalho que, na atualidade, também está sendo desenvolvido no mestrado⁵ e que tem como objetivo ser desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, onde poderá ser possível acompanhar "mais de perto", a vida e o mundo social das "*mindjeris felupes*" em São Vicente.

REFERÊNCIAS

BAYAN, Lúcia. Sociedade Felupe: Desintegração ou transformação social? Cadernos de Estudos Africanos, janeiro-junho de 2015.

BOLONHA, Ludmila Melo da Costa. O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau. 82 pág. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Africanos: Análise e Gestão do Desenvolvimento Social e Económico, 2013.

⁵ A autora, atualmente, é mestranda em Sociologia pela Ufpel (RS), com a proposta de pesquisa, intitulada "*Mindjeris felupes: trabalho e pesca nos tarrafis de São Vicente, Guiné-Bissau*" cujo *locus* de investigação passa pela realização de um trabalho de campo que visa acompanhar a trajetória de vida dessas mulheres, focando no processo de pesca de ostras antes e após a construção da ponte.

GOMES, Patrícia. As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau. Disponível em:

https://www.academia.edu/5130097/As_mulheres_do_sector_informal_Experi%C3%Aancias_da_Guin%C3%A9_Bissau. Acesso no dia 01 de agosto de 2022 às 13h33.

MARTINS, Rosiani Sanca. Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país. Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), *campus* dos Malês, 2022.

MEIRINHO, Daniel; JANUÁRIO, Soraya Barreto. Fotografia participativa e relações de gênero: uma experiência visual com mulheres guineenses. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, 20(2):252-264 maio/agosto, 2018.

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004.

RAMALHO, José Ricardo. Trabalho e os desafios da pesquisa sociológica. *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. No. 1, jan/jul/2013.

SANTOS, Orlando. Mamãs quitandeiras, kinguilas e zungueiras: trajectórias femininas e quotidiano de comerciantes de rua em Luanda. *Revista Angolana de Sociologia*, n.º 8, Dezembro de 2011.

SUCUMA, Arnaldo. Breve Histórico sobre a construção do Estado da Guiné-Bissau. *História e Cultura Africana e Afro-Brasileira*, 2012.

TÉ, Gualdino Afonso. Pescarias Industriais de Arrasto na plataforma continental da Guiné-Bissau. 2005. 76 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Marinhas Tropicais) - Instituto de Ciências do Mar, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

TRINDADE, Catarina Casimiro. Além do econômico: reflexões sobre os significados do *Xitiqui*, uma prática informal de poupança e crédito rotativo de Maputo, Moçambique. *Temáticas*, Campinas, 26, (52): 285-308, ago./dez. 2018.